ISSN 2237-258X

PENSANDO OS OBJETOS NO ENSINO A PARTIR DOS ESTUDOS FOUCAULTIANOS

Thinking objects in teaching by means of Foucault's studies

Pensando los objetos en la enseñanza a partir de los estudios foucaultianos

Rosilene Batista de Oliveira*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar como os estudos de Michel Foucault, tomados como pressupostos teórico-metodológicos podem contribuir para entendermos e compreendermos as formas como os objetos tem sido pensado dentro dos discursos que enunciam a sua importância na educação, considerando as relações entre poder e saber que permeiam esses discursos. Buscando atingir este objetivo, discutimos neste trabalho alguns conceitos tratados por Michel Foucault, relacionando-os com o foco central de nossos estudos: a utilização de objetos na sala de aula, e o pensamento que rodeia esta utilização, considerando tanto as velhas como as novas tecnologias, as quais adentram o ambiente escolar a partir da preocupação com a qualidade e inovação das práticas escolares. Pelos resultados e discussão, com destaque para os discursos, vemos a necessidade de considerar a diversidade dos mesmos, onde são produzidos, os contextos situacionais em que nascem, as pessoas que os produzem, e as "verdades" que são construídas em torno desse objeto e seu uso. A aproximação do referencial teórico com o objeto de nosso estudo permite observar que a introdução de qualquer tecnologia na escola deve ser discutida também no âmbito dos discursos que legitimam a sua utilização, e a maneira como os mesmos são apropriados pelos sujeitos escolares.

.

PALAVRAS-CHAVE: Objetos no ensino. Tecnologias. Discurso. Estudos foucaultianos

Abstract

This article aims to show how the studies of Michel Foucault, taken as a theoretical and methodological principles can help to understand the ways in which objects have been thought in the discourses setting out its importance in education, considering the relationship between power and knowledge that permeate these discourses. Seeking to achieve this goal, we discuss in this paper some concepts handled by Michel Foucault, relating them to the central focus of our studies: the use of objects in the classroom, and the thinking around this use, considering both the old and the new technologies, which they enter the school environment from the concern with the quality and innovation of school practices. By the results and discussion, highlighting the discourses, we see the need to consider the diversity of the same, where they are produced, the situational contexts in which they are born, the people who produce them, and the "truths" that are built in around that object and its use. The approach of the theoretical reference to the object of our study allows us to

* Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Araraquara. Professora dos cursos de graduação em Letras e Pedagogia, e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda - Ribeirão Preto - SP. E-mail: rosilene.oliveira@mouralacerda.edu.br

observe that the introduction of any technology in school should be discussed also in the context of discourses that legitimize their use, and the way they are appropriate for school subject.

KEYWORDS: Objects in education. Discourses. Technologies. Foucaultian studies

Resumen

El siguiente artículo tiene como objetivo mostrar como los estudios de Michel Foucault, tomados como hipótesis teóricas metodológicas, pueden contribuir para que entendamos y comprendamos las formas como los objetos han sido pensados dentro de los discursos que enuncian su importancia en la educación, considerando las relaciones entre el poder y saber que impregnan esos discursos. En la búsqueda de alcanzar el objetivo, discutimos en este trabajo algunos conceptos tratados por Michel Foucault, relacionándolos con el enfoque central de nuestros estudios: la utilización de objetos en el salón de clase, y el pensamiento que rodea esta utilización, considerandolas antiguas, así como las nuevas tecnologías, las cuales entran en el ambiente escolar a partir de la preocupación con la cualidad e innovación de las prácticas escolares. Por los resultados y discusión, destacando los discursos, vemos la necesidad de considerar su diversidad, el lugar donde se producen, los contextos situacionales en los que nacen, las personas que los producen, y las "verdades" que son construidas alrededor de ese objeto y su uso. La aproximación del marco teórico con el objeto de nuestro estudio permite observar que la introducción de cualquier tecnología en la escuela debe discutirse también en el ámbito de los discursos que legitiman su utilización, y la forma en la que estos son apropiados por los sujetos escolares.

.

PALABRAS CLAVE: Objetos en la enseñanza. Tecnologías. Discurso. Estudios foucaultianos

INTRODUÇÃO

Pensar a utilização de objetos na educação como algo bom e que leva à qualidade e efetividade deste ensino é um pensamento recorrente, que se sustenta e se legitima historicamente no decorrer da educação brasileira. No contexto atual, esta maneira de pensar os objetos dissemina-se não somente na área da educação, por meio de propostas de políticas educacionais direcionadas à utilização das novas tecnologias, mas em diversos outros setores sociais, ao observarmos o grande avanço na produção e aplicação de artefatos tecnológicos, a partir da concepção de que os mesmos solucionam problemas impostos ao ser humano, auxiliando-o na busca de respostas e soluções eficientes e eficazes. Observamos, ao longo da história da evolução humana, que os objetos são vistos como extensões humanas e como instrumentos que permitem a relação direta do homem com a natureza, transformando-a e recriando-a de maneira a atender as suas necessidades de sobrevivência.

Desta mesma maneira, também os objetos têm sido reconhecidos, ao longo do tempo, pelas práticas relacionadas ao ato de ensinar e aprender, pela educação. Souza (2013) evidência esta trajetória ao mencionar que

> essa ênfase atribuída aos objetos didáticos como meios potenciais para a qualificação da escola e a melhoria das condições de trabalho dos professores reatualiza, de certa forma, práticas discursivas e políticas que nos últimos dois

> séculos tem reincididamente vinculado a adoção de novas tecnologias e materiais escolares proposições de renovação educacional (SOUZA, 2013, p. 104).

Nesta trajetória histórica, os objetos têm sido concebidos como instrumentos importantes para o processo de ensino e aprendizagem, e recebidos significados e sentidos dentro do discurso pedagógico e da prática docente, tornando-se objetos didáticos. São vistos como motivadores do processo de ensino e aprendizagem; facilitadores e dinamizadores desse processo e também da prática docente; organizadores dos conteúdos de ensino; redutores do excesso de verbalismo; concretizadores do conhecimento a ser transmitido aos alunos (FISCARELLI, 2008).

Esses significados e sentidos criam "regimes de verdade" que direcionam a maneira de se agir e pensar sobre esses objetos, a partir não somente do discurso pedagógico, mas de outros discursos envolvidos na produção, aquisição, apropriação e utilização dos objetos na educação. Entre eles, destacamos o discurso da política educacional, com propostas de utilização e implementação de tecnologias na educação; e o discurso dos próprios professores, vistos como efetivadores da utilização dessas tecnologias em sala de aula.

Para compreendermos e discutirmos sobre as formas de se pensar os objetos no ensino é necessário concebê-los primeiramente como tecnologias, como artefatos tecnológicos em sua materialidade, produzidos pelo homem e cercados de significados e sentidos que nascem não somente no momento de sua produção, mas também no momento de sua utilização. Assim, as palavras de Kenski (2007, p. 24), ao conceituar tecnologia, auxiliam-nos na compreensão ampliada sobre a mesma, na qual se insere não somente os objetos, mas os processos e conhecimentos envolvidos na produção e utilização dos mesmos, ao mencionar que "ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de tecnologia".

Partindo dessas considerações, o presente artigo tem como objetivo mostrar como os estudos de Michel Foucault, tomados como pressupostos teórico-metodológicos podem contribuir para entendermos e compreendermos as formas como os objetos tem sido pensado dentro dos discursos que enunciam a sua importância na educação, considerando as relações entre poder e saber que permeiam esses discursos.

Acreditamos que a aparente quietude do discurso sobre a importância dos objetos no ensino deva ser sacudida, deixando assim que conheçamos as relações complexas entre poder e saber que permeiam e motivam a existência de tal prática discursiva. É preciso definir em que condições e em vista de quê esse discurso é legitimado e escolhido em detrimento de outros que possam existir.

Buscando atingir este objetivo, discutimos neste trabalho alguns conceitos tratados por Michel Foucault, relacionando-os com o foco central de nossos estudos: a utilização de objetos na sala de aula, e o pensamento que rodeia esta utilização, considerando tanto as velhas como as novas tecnologias, as quais adentram o ambiente escolar a partir da preocupação com a qualidade e inovação das práticas escolares.

Os discursos e os saberes sobre os objetos no ensino

Ao tomarmos contato com os estudos de Michel Foucault, podemos perceber a contribuição que os mesmos nos dão para problematizarmos a utilização de objetos no ensino, tanto nos primórdios da educação até os dias atuais, pois a análise proposta pelo autor vai além da simples pretensão de tentar encontrar a intenção do sujeito falante dentro do discurso, o consciente ou inconsciente, a palavra escondida ou o que está por trás da palavra dita sobre esses objetos; mas sim procurarmos desvelar, dentro do próprio discurso sobre a utilização de objetos no ensino, as relações que possibilitaram que ele fosse pensado assim, em uma determinada época e em um determinado contexto político, econômico e social. A esse tipo de procedimento Foucault (2000) chama de análise discursiva e a explica da seguinte forma, quando comparada à análise do pensamento:

> A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCALT, 2000, p. 31)

Assim, a partir das concepções de Michel Foucault, entendemos o termo *discurso* como modos de pensar sobre o mundo e as coisas, que se materializa na palavra dita ou escrita, utilizando-se de signos, frases e práticas discursivas, e que orienta a nossa visão de mundo, nos constituindo enquanto sujeitos, formando saberes por meio de regras, normas, verdades construídas historicamente, em meio a relações de poder.

Encontramos vários discursos que têm regido a vida da humanidade ao longo de sua história; tais como: o discurso médico, o discurso judiciário, o discurso religioso, o discurso científico, o discurso pedagógico, entre outros.

O que o estudo de Michel Foucault nos induz é conhecer como esses discursos se institucionalizam, se legitimam numa dada época e são aceitos como verdades, ganhando um status científico, construindo um saber, definido por Foucault (2000. p. 206) como um "conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensável à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar (...)".

Para Foucault (2000), o saber liga-se diretamente ao discurso, pois não existe saber sem um discurso definido, e todo discurso forma um saber, um conhecimento. Considerando essa perspectiva, podemos dizer que os discursos enunciados sobre a tecnologia na educação tem formado um saber sobre os objetos no ensino. As práticas escolares atuais, relacionadas à utilização de materiais tecnológicos na educação, estão imersas nas verdades que foram construídas e que estruturaram e ainda estruturam os saberes sobre os objetos e os significados que os mesmos adquiriram ao longo da história da educação (FISCARELLI, 2008).

No entanto, os estudos foucaultianos chamam a atenção ao fato que nenhum discurso é neutro, e não deve ser tomado como um dado, como natural. Pelo contrário, todo discurso é arbitrário e contingente, e se afirma a partir de relações entre poder e saber. Desta forma, mais do que identificar e descrever o discurso sobre a utilização de tecnologias no ensino, é necessário compreender como o mesmo se legitima e por meio de quais dispositivos sutis orienta os modos de pensar sobre esta utilização e sua importância. Dispositivo, neste sentido, deve ser entendido como "técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de

investimento político" ou "pequenas astúcias dotadas de grande difusão, arranjos sutis de aparência inocente, mas profundamente suspeitos" (FOUCAULT, 1987, p. 120).

Se objetivarmos conhecer além da efetivação e utilização de objetos tecnológicos na educação, buscando também compreender os fatores que condicionam a real utilização dos mesmos nas salas de aula; os conflitos entre a cultura escolar e a introdução de novas tecnologias na educação; as relações que permeiam as propostas de políticas educacionais voltadas para o investimento e introdução de tecnologias na educação; a relação entre trabalho docente e tecnologias no ensino, a formação docente e as novas tecnologias, é necessário problematizarmos o discurso sobre esses materiais, colocá-los sob suspeita, de maneira a entender que determinadas verdades muitas vezes são assimiladas como naturais e óbvias, por meio de técnicas e estratégias que legitimam maneiras de se propor, agir e pensar a utilização de tecnologias na educação.

Apoiados em Foucault (1979), colocamos a própria verdade sob suspeita, compreendendo que as verdades que nos rodeiam e nos formam enquanto sujeitos, por meio de relações entre saber e poder, são construídas historicamente e por isso nelas não há nada de transcendental, pois elas são deste mundo, conforme este trecho do livro *Microfísica do Poder:*

> A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p. 12).

As contribuições dos estudos foucaultianos para um estudo sobre a produção, a utilização bem como a introdução de objetos no ensino, leva-nos a questionar sobre as "verdades" construídas em torno desses objetos e que são disseminadas e enunciadas por discursos diversos, como o discurso das políticas educacionais, o discurso pedagógico e o próprio discurso dos professores, que tem como lugar de construção dessas verdades o ambiente escolar e o contexto no qual exercem sua prática pedagógica.

Os enunciados sobre os objetos na formação discursiva

Os estudos de Michel Foucault nos mobilizam a pensar que todas as "verdades" são frutos de construções históricas, geradas a partir de relações entre poder e saber e que se articulam no discurso (FOUCAULT, 2003). Nesta perspectiva, o discurso que legitima a utilização de objetos no ensino é um discurso contingente, possibilitado por interesses e fatores condicionantes; e, mais do que conhecer esse discurso, é necessário também conhecermos essas condições e intenções estratégicas que possibilitaram o seu surgimento.

Uma análise histórica sobre o discurso acerca dos objetos no ensino que tenha a intenção de saber por quais caminhos as continuidades desse saber pôde estabelecer-se, ou de que maneira um único e mesmo projeto de saber sobre esses objetos didáticos pôde se manter e constituir-se um horizonte único, estendendo o seu reinado até hoje, pode nos trazer informações relevantes sobre o lugar que os objetos ocuparam e tem ocupado no

pensamento pedagógico, bem como compreender de que forma e por que ocupam este lugar de destaque. De maneira a contribuir para esta análise histórica, o aprofundamento e focalização nos discursos enunciados sobre esses objetos nos permitem ir além, conhecer também os recortes e limites desse saber, quais foram as suas transformações e renovações sofridas por ele.

É importante considerarmos que o discurso sobre os objetos no ensino manifesta-se através da linguagem e que essa, por sua vez, pode ser manifestada de diversas formas, além do modo verbal e escrita. Desta maneira, o enunciado formado pelos discursos sobre esses objetos pode fixar-se não somente na escrita e na oralidade, mas também em vários outros campos, outras materialidades, outras formas de se registrar o que se pensa sobre eles, conforme o texto de Gaspar (2004) nos revela ao se preocupar em mostrar que a teoria arqueológica de um saber, proposta por Michel Foucault, pode também ser aplicada na análise de filmes.

Assim, o enunciado que diz serem os objetos bons para o ato de ensinar e aprender, contribuindo para o aumento da qualidade do ensino ao despertar o interesse dos alunos e criar condições de um ensino mais efetivo, pode aparecer num manual didático, numa propaganda, num livro científico, na fala de um professor, nas propostas de uma política educacional, num filme educativo, no catálogo de uma empresa produtora de materiais pedagógicos, e em outros tantos acontecimentos e instâncias produtoras de discursos. Uma análise discursiva sobre a introdução de objetos no ensino, destacando aqui as novas tecnologias, deve considerar as especificidades e contextos nos quais esses discursos são produzidos, os sujeitos enunciadores, as relações e fatores que influenciam esses discursos.

Neste sentido, o enunciado é sempre um acontecimento ligado há um tempo, a determinadas relações e contextos conjeturais, conforme Foucault (2000, p. 32) argumenta no seguinte trecho:

> Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginamos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem.

Em outras palavras mais simples, porém mais esclarecedoras, Veiga Neto (2004) explica o que é enunciado nos estudos foucaultianos, ao dizer que ele não é uma proposição, nem somente um ato de fala, nem uma manifestação psicológica de uma entidade que se coloca abaixo ou dentro de quem fala. Ele não se restringe às regras gramaticais, mas sim é tomado como manifestações de um saber que é aceito, que é repetido, transmitido e conservado, e que tem um valor que nos faz o procurar, dele nos apropriar repetindo-o, reproduzindo-o e transformando-o.

Veiga Neto (2004) ainda acrescenta que o enunciado não é qualquer coisa dita, não é cotidiano. Ele é um tipo muito especial de ato discursivo, pois se separa dos contextos locais e significados triviais do dia-a-dia para constituir-se num campo mais ou menos autônomo e raro, de sentidos que devem ser aceitos e sancionados numa rede discursiva.

No volume I de seu livro *História da Sexualidade – a vontade de saber,* Michel Foucault interroga-se sobre a vontade que conduz o discurso sobre a repressão sexual na sociedade moderna, mostrando como é importante não somente conhecermos os discursos como também a "vontade" que os conduz e a "intenção estratégica" que os sustenta. Deste modo, o objetivo do autor não é demonstrar que a hipótese repressiva do sexo é falsa, mas sim problematizá-la, recolocando-a numa economia geral dos discursos sobre o sexo, no seio das sociedades modernas, a partir do século XVIII.

Fazendo uma reflexão paralela e aproximativa entre as discussões propostas por Michel Foucault e a análise do discurso acerca dos objetos escolares, das tecnologias na educação, nosso intuito ao elaborar esta aproximação também não é questionar a verdade construída em torno desses objetos, que nos leva a vê-los como instrumentos apropriados ao ensino e capazes de proporcionar a esse mais qualidade, eficiência e eficácia, mas sim sugerir uma discussão que nos leve a compreendermos e conhecermos a contingência desse discurso, recolocando -o numa "economia discursiva" , preocupando-nos em saber tanto "o que se fala" quanto "o porquê que se fala" , "de onde se fala" e "quem é que fala" sobre a introdução de objetos no ensino numa determinada época e num determinado contexto social, econômico e cultural da sociedade brasileira.

Consideramos que na análise discursiva proposta por Michel Foucault o importante não é somente determinar as produções discursivas, as palavras e seus efeitos de poder que levam a formular verdades ou mentiras sobre as coisas, mas sim revelar "a vontade de saber" que serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento de discurso (FOUCAULT, 2003).

Os estudos foucaultianos nos conduzem a investigar como os objetos, os artefatos tecnológicos, adentram os espaços escolares, sendo utilizados no ato de ensinar e aprender, por meio de uma "aparelhagem discursiva" que os ressignificam, estabelecendo-lhes funções e sentidos algumas vezes diferentes daqueles primeiros que lhes foram criados e impostos; ou seja, auxilia-nos a descobrir o conjunto de regras que permite formar o discurso sobre os objetos no ensino em uma determinada época na educação brasileira.

A criação de definições sobre o que vêm a ser um objeto de ensino, e termos diversos como material didático, recurso de ensino, recursos audiovisuais no ensino, meios auxiliares do ensino, objetos tecnológicos, que aparecem no discurso pedagógico ao longo da história da escolarização, nos mostra a tentativa de salientar sua importância e relevância para a educação de uma dada época. A pedagogia parece ter encontrado a possibilidade de limitar o domínio discursivo sobre os objetos, definindo aquilo que se fala sobre eles, dando-lhes um status discursivo, fazendo-os aparecer, tornando-os nomeáveis e descritíveis, "pedagogizando-os". Salientamos aqui, a partir dos estudos de Michel Foucault, a necessidade de compreender "como" tem sido construída esta "pedagogização" em torno dos objetos no ensino, quais as estratégias, quais as relações de poder e saber, quais os dispositivos que permitem que a mesma se estabeleça.

Porém, é válido considerarmos que o discurso pedagógico coabita com outros discursos: mercadológico, social, político, cultural, econômico, e que, juntamente com os mesmos, formam o discurso de que falam; ou seja, falam e constroem um saber sobre os

objetos aplicados ao ensino. Neste contexto, é preciso lembrar que existe um jogo de relações de poder entre esses discursos, mesmo que essas relações não sejam percebidas, não sejam construídas conscientemente por seus enunciadores, e mesmo que esses grupos enunciativos não tenham ou ocupem o mesmo nível e lugar discursivo.

Para Foucault (1979, p. 08), o poder não é somente repressivo, pois o autor entende que "se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido?". O poder é positivo, pois produz discurso, produz a nós enquanto seres formados e formadores de discursos. Ele não pesa somente como força negativa, estando concentrado somente em um lugar, mas sim permeia todo o corpo social, produzindo coisas, induzindo prazeres, formando saberes (FOUCAULT, 1979).

Entendemos, então, que o discurso sobre a importância dos objetos no ensino brasileiro tem sido aceito, retomado, redefinido e legitimado porque é produtivo, produz práticas escolares inerentes à concepção que temos sobre o que é educar e ajuda na construção de sujeitos reconhecidos como sujeitos sociais. A partir do conhecimento sobre as condições pelas quais os objetos são colocados no discurso pedagógico, podemos conhecer também como nos formamos enquanto sujeitos educativos, enquanto alunos e professores, e quais as estratégias utilizadas para que sintamos a necessidade de se apoderar desse discurso.

O arquivo: a identificação das regras formadoras do discurso sobre os objetos no ensino

Michel Foucault (2005) chama de arquivo não a totalidade de textos conservados por uma civilização ou o conjunto de documentos que foram salvos de algum acidente, mas sim o jogo de regras que determinam o aparecimento ou desaparecimento de um discurso. Veiga-Neto (2004) defende que o arquivo sustenta um conjunto de regras que, sendo socialmente autorizadas, comandam em nós maneiras de perceber, de julgar, de pensar e de agir.

Assim, os discursos devem ser escavados, verticalmente, em suas camadas descontínuas e já pronunciadas, na busca de trazer à luz fragmentos, vestígios de ideias, conceitos. A esse procedimento Michel Foucault denomina de arqueologia do saber, pois através do mesmo podemos compreender as épocas antigas ou mesmo o nosso próprio tempo e entender por que e como os saberes aparecem e desaparecem (VEIGA-NETO, 2004). Assim, para Foucault (2000, p.159), "a arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras".

Ao nos propormos escavar um discurso sobre os objetos no ensino brasileiro, a partir da contribuição dos estudos foucaultianos, podemos vasculhar o jogo de regras que permitiram aparecer um saber sobre esses objetos em um determinado período histórico. Essa tarefa exigirá do pesquisador o estabelecimento de relações encontradas no limite do próprio discurso sobre a utilização de objetos na educação brasileira, numa relação entre o interior e o exterior da formação discursiva, conforme o trecho de *Arqueologia do Saber* no orienta:

> As relações discursivas, como se vê, não são internas ao discurso: não ligam entre si os conceitos ou as palavras; não estabelecem entre as frases ou as proposições uma arquitetura dedutiva ou retórica. Mas não são, entretanto, relações exteriores ao discurso, que o limitariam ou lhe imporiam certas formas, ou o forçariam, com certas circunstâncias, a enunciar certas coisas. Elas estão de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes, (pois essa imagem da oferta supõe que os objetos sejam formados de um lado e o discurso de outro), determina o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou quais objetos para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explica-los (FOUCAULT, 2000, p. 52).

Michel Foucault também propõe uma análise discursiva por meio da genealogia; ou seja, na conjunção entre o saber/poder e formação de sujeitos. Assim, o que Michel Foucault procura é descrever o surgimento dos saberes, enfatizando as relações de poder que os permitiram existir num determinado momento histórico (VEIGA-NETO, 2004). Ainda citando Veiga-Neto (2004, p. 66), dentro do domínio da genealogia, "o que passa a interessar a Foucault, então, é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação de ambos".

Nesse contexto, o genealogista tem uma função a cumprir, que o afasta do desejo de descobrir "o lugar da verdade" e o aproxima do encontro das estratégias e dispositivos utilizados na construção dessa "verdade", conforme nos explica Veiga-Neto (2004, p. 70) no seguinte trecho de seu estudo sobre *Foucault e Educação*:

> Em vez de acreditar na metafísica, o genealogista deve escutar a história, em seu próprio funcionamento, em sua própria materialidade. Assim procedendo, ele aprende que "atrás das coisas 'há algo inteiramente diferente': não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que a essência foi construída peça por peça a partir de figuras de que lhe eram estranhas".

Realizar uma arqueologia ou genealogia do saber sobre os objetos no ensino, tais como Michel Foucault desenvolveu tão sistematicamente com saberes como a medicina, a sexualidade, a loucura, é uma tarefa pretensiosa que exige tanto um aprofundamento teórico quanto a disponibilidade e acesso a fontes específicas de dados. Mas esses estudos e perspectivas podem nos auxiliar a chegar à identificação de um conjunto de dispositivos, bem como de um feixe de relações que tem colocado em evidência os objetos na educação brasileira, não somente no passado, mas também no presente, legitimando a importância da sua utilização.

A formação de sujeitos educacionais a partir da utilização de objetos no ensino

Michel Foucault dedicou-se, ao longo de toda a sua obra, a averiguar não somente como se constituiu a noção de sujeito moderno, mas também de compreender como nós mesmos nos constituímos como sujeitos modernos (VEIGA-NETO, 2004).

Deste modo, Michel Foucault não acredita num "homem-sujeito sempre aí", mas sim que esse homem-sujeito é fruto de construções históricas bem definidas, cujos discursos formados por relações entre poder e saberes orientam e definem os modos de agir e pensar desse homem-sujeito. Assim, esse homem sujeito é visto por Michel Foucault "como objeto das influências do cenário externo–sociais, culturais, políticas, econômicas,

educacionais – e bem por isso, facilmente manipuláveis" (VEIGA-NETO, 2004, p. 135). Para Veiga-Neto (2004, p. 137), o que importa para Michel Foucault "é explicar como se forma isso que está aí e que chamamos de sujeito".

Considerando o papel que os professores recebem no contexto discursivo sobre a utilização de objetos tecnológicos na sala de aula, vendo-os como sujeitos educacionais, a partir da concepção que Michel Foucault apresenta sobre sujeito, um olhar direcionado a esses objetos poderão recair sobre as maneiras pelas quais os professores são formados, a partir dos discursos que lhes são impostos.

Mais precisamente, partindo destas contribuições teóricas, o intuito estaria em salientar as quais regras, normas e condutas, nascidas no corpo do discurso sobre os objetos no ensino, os professores estão submetidos, e o que se espera desses sujeitos educacionais no processo de produção e utilização desses objetos, das tecnologias na educação, em um contexto específico da história da educação brasileira. Essas considerações nos levam a buscar apoio naquilo que Michel Foucault denominou de governamentalidade; nos apoiando no estudo de Marshall (2002, p. 28-29).

> Uma forma de atividade dirigida a produzir sujeitos, a moldar, a guiar ou a afetar a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo; a formar as próprias identidades das pessoas de maneira que elas possam ou devam ser sujeitos.

Partindo dessas contribuições dos estudos foucaultianos, considera-se então que o discurso sobre os objetos no ensino, sobre a utilização das tecnologias na sala de aula, tenta moldar um tipo de professor e um tipo de aluno, bem como um tipo de relação professor/aluno, necessários ao contexto vivido por uma determinada sociedade, por meio das práticas, regras e normas que propõe para a introdução e utilização desses objetos na educação escolar.

As transformações e ressignificações que as concepções acerca dos objetos didáticos sofrem, ao longo de um período histórico, afetam também a escolha dos tipos de sujeitos educacionais que uma sociedade pretende formar. Assim, os estudos aqui propostos nos incitam a ir bem mais além do que a análise da utilização ou não de um determinado objeto tecnológico na sala de aula, mas nos faz aprofundar também na compreensão de quais os efeitos de poder que se pretende alcançar por meio de uma prática discursiva que destaca os objetos como importantes para a educação brasileira de uma época.

A contextualização histórica dos discursos sobre os objetos no ensino

Considerando os objetos didáticos imersos em relações produtoras de poder e saber, veiculadas e legitimadas muitas vezes por um discurso de renovação pedagógica, os estudos sobre o discurso e construção do conhecimento, propostos por Michel Foucault, contribuem para estudos que direcionam sua investigação ao conhecimento e à compreensão das relações que motivaram, condicionaram e construíram a existência de um saber sobre os objetos no ensino brasileiro.

Ao analisar esse discurso, acreditamos ser relevante o conhecimento de alguns contextos, fatos e relações históricas, que rodearam e propiciaram a existência dos

mesmos. Analisar um discurso, segundo Fischer (2001), seria analisar também as relações históricas e as práticas muito concretas que estão vivas no próprio discurso. Nesta discussão, a autora salienta a importância da temporalidade do discurso, apoiada em Foucault (1986) que aborda o discurso não apenas relacionando-o a um sentido ou a uma verdade, mas a uma história.

Consideramos que a história dos objetos no ensino brasileiro perpassa e inclui também os discursos produzidos em torno deles, os quais permitiram e delinearam sua utilização no ensino, e orientam nosso olhar para a constituição desses discursos, as condições e os contextos que possibilitaram suas existências.

Desta forma, para compreendermos muitas de nossas concepções e práticas escolares atuais com relação aos objetos introduzidos na educação escolar brasileira, é necessário também voltarmos a momentos e fatos históricos, a maneira como essas concepções e práticas foram construídas ao longo da história e da pedagogia. Assim, presente e passado unem-se, pois formam um conjunto de saberes capazes de explicar por que somos o que somos hoje, por que concebemos e vemos o ensino escolar da maneira como o mesmo se apresenta hoje. Lembrando que, os saberes construídos por meio desses discursos formam e constroem sujeitos, concepções e induzem às práticas.

Popkewitz (1997) também enfatiza a importância dos estudos históricos, com o objetivo de investigar as relações das práticas institucionais e os regimes de verdade, à medida que esses se modificam com o tempo. O autor destaca a importância da análise do passado, pois por seu intermédio podemos obter critérios sobre o que tem realmente mudado, proporcionando a identificação das regras e modelos subjacentes ao conhecimento escolar e a forma como este conhecimento é aceito como prática.

Esse raciocínio leva-nos à consciência da importância de compreendermos que as práticas e padrões escolares incorporam formas sociais herdadas historicamente e que a análise do passado é de extrema importância para entendermos o porquê de determinadas práticas discursivas e não discursivas no presente.

Michel Foucault propõe uma nova maneira de se olhar para a história, não limitando a análise histórica à pesquisa das origens, dos começos silenciosos, da regressão sem fim em direção aos primeiros precursores de um saber, das continuidades cronológicas, mas sim dedicarmos a conhecer como um saber é construído, como se constrói a sua validade e as regras de seu uso (FOUCAULT, 2000).

Inserindo os objetos tecnológicos nessa discussão, estamos considerando que os mesmos possuem uma história, e o saber que hoje rodeia a utilização das tecnologias no ensino brasileiro não pode ser tomado como neutro, óbvio, natural, pois este saber é fruto de relações, concepções e contextos específicos, construídos ao longo da história da escolarização.

Fazer uma arqueologia e genealogia desses objetos implica em preocupar-se com essas questões, e inserir a discussão acerca dos mesmos num contexto mais amplo de relações que propiciaram a sua existência e legitimação no ensino brasileiro. Michel Foucault não define especificamente o que é a arqueologia de um saber, mas sim mostram como essa deve ser realizada, quais as suas principais características e que caminhos ela deve percorrer.

Retomando os termos arqueologia e genealogia, destacamos que a arqueologia proposta por Michel Foucault é entendia como a análise histórica de um saber que tenta

revelar as práticas discursivas, na medida em que essas dão lugar a um saber que assume o status e o papel de ciência, de verdade. Para Carneiro (2001, p. 190), a arqueologia de um saber é a análise da *epistemè*, é a "análise do discurso e dos saberes, em suas relações com as figuras epistemológicas e as ciências". A arqueologia trata da constituição dos saberes por meio do discurso.

Já a genealogia, segundo Foucault (1979, p. 171), é a redescoberta das lutas e memórias contidas nos saberes, é o "acoplamento do conhecimento com as memórias locais que permite a constituição de um saber histórico, das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais". De maneira mais simples, Carneiro (2001, p. 189) afirma que "a genealogia procura as razões do aparecimento dos saberes: por que e como eles se formam e se transformam".

Ao mostrarmos nesse trabalho a possibilidade de utilização de propostas teórico-metodológicas da arqueologia e da genealogia foucaultiana para a realização de uma análise discursiva, estamos considerando as múltiplas relações nas quais se insere o discurso legitimado sobre os objetos no ensino do Brasil, sobre a introdução das tecnologias na sala de aulas, buscando contribuir para conhecermos como o discurso sobre esses objetos se constrói em meio a relações de poder e saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu discutir e preencher algumas lacunas que ainda estão abertas nas discussões acerca dos objetos no ensino brasileiro, acerca da utilização das tecnologias na sala de aula, buscando nos caminhos da análise do discurso proposta por Michel Foucault possibilidades de compreensão e conhecimento sobre as razões, relações e forças que motivaram e ainda motivam o saber que existe e se estabelece sobre esses objetos na cultura escolar.

Ao evidenciarmos esses discursos, percebe-se a necessidade de considerarmos a diversidade dos mesmos, o lugar no qual são produzidos, os contextos conjeturais nos quais nascem, os sujeitos que os produzem, e as "verdades" que são construídas em torno desses objetos e de sua utilização.

Consideramos, então, que a introdução de qualquer tecnologia na escola deve ser discutida também no âmbito dos discursos que legitimam a sua utilização, e a maneira como os mesmos são apropriados pelos sujeitos escolares, principalmente pelos professores, os quais são vistos como efetivadores desta utilização pelas propostas de políticas educacionais direcionadas às novas tecnologias na sala de aula.

Assim, o uso de qualquer objeto tecnológico no ensino é possibilitado pelos discursos que os concebem como artefatos importantes para o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, por serem diferentes e muitas vezes criados em contextos externos ao ambiente escolar, tornam-se distantes da realidade e do cotidiano no qual a utilização desses objetos ocorre.

Se prestarmos atenção na contingência e arbitrariedade dos discursos que rodeiam a utilização das tecnologias no ensino, podemos compreender por que muitas vezes a mera presença e utilização dos mesmos não proporcionam a almejada qualidade e inovação das práticas escolares, já que esta utilização muitas vezes está condicionada à maneira como os sujeitos escolares, principalmente os professores, constroem, criam e recriam significados

e “verdades” em torno desses objetos, a partir do lugar onde efetivam suas práticas; ou seja, o ambiente escolar.

REREFÊNCIAS

CARNEIRO, Vera Clotilde. Pesquisa foucaultiana: uma alternativa entre os caminhos alternativos. *Revista Educação*, Porto Alegre, n.41, p.181-202, 2001.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. *Material didático: discursos e saberes*. Araraquara: Junqueira e Marin Editores, 2008.

FISCHER, Rosa Maria. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de pesquisa,* nº. 114, 2001, p.197-223.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *História da sexualidade*: *a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GASPAR, Nádea Regina. Foucault nas visibilidades enunciativas. In: SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro. (Orgs.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade.* São Carlos: Clara Luz, 2004, p.231-260.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MARSHALL, James. Governamentalidade e Educação liberal. In: SILVA, Tomás Tadeu. (Org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. p.21-34.

POPKEWITZ, Thomas S. *Reforma Educacional: uma política sociológica*. Porto Alegre: artes Médicas, 1997.

SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n.49, p.103-120, jul/set. 2013. Editora UFPR.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Recebido : 10 de janeiro de 2016

Aprovado : 11 de maio de 2016